



DEMOCRACIA VIVA 42

MAIO 2009



A discussão sobre o aborto é uma das mais acaloradas em nossa sociedade. Nela, estão imbricadas questões científicas, religiosas e de direitos.

A lei brasileira permite o aborto apenas em duas situações: em caso de risco de morte da mãe ou em caso de estupro.

Direitos sexuais e reprodutivos

Mesmo assim, o caso divulgado da menina pernambucana de 9 anos – que se enquadrava nos dois aspectos previstos em lei – foi alvo de muita polêmica que envolveu o pedido de excomunhão pública da equipe médica pelo arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso Sobrinho.

Toda sociedade democrática ganha com debates aprofundados, principalmente sobre questões que lhe são fundamentais. É por isso que a *Democracia Viva* promove o diálogo de dois pontos de vistas distintos.

NASCIMENTO SOC
EDUCAÇÃO SEXU
MEDICINA MULH
RESPONSABILID
ÚDE INFERTILID
CIÊNCIA RELIGIÃO
NASCIMENTO SOC
EDUCAÇÃO SEXU
MEDICINA MULH
RESPONSABILID
ÚDE INFERTILID
CIÊNCIA RELIGIÃO
NASCIMENTO SOC
EDUCAÇÃO SEXU
MEDICINA MULH
RESPONSABILID
ÚDE INFERTILID
CIÊNCIA RELIGIÃO
NASCIMENTO SOC
EDUCAÇÃO SEXU
MEDICINA MULH
RESPONSABILID
ÚDE INFERTILID
CIÊNCIA RELIGIÃO
NASCIMENTO SOC
EDUCAÇÃO SEXU
MEDICINA MULH
RESPONSABILID

Este é o meu corpo e eu não estou sozinha!¹

Nancy Cardoso Pereira

Organização e Organização de Mulheres pelo Direito de Decidir

Pastora metodista, professora de Teologia, assessora de formação da Comissão Pastoral da Terra (CPT)

Venha comigo! Este é o meu corpo e eu posso ser uma adolescente de 16 anos, uma senhora de 34 ou uma menina de 9 anos. Corpo de mulher. Veja meu rosto, meus braços e pernas. Esta é minha mão, meus pés. Meu umbigo, meus olhos. Meu cotovelo, minha boca... meu sexo.

Meu fêmeo corpo, de fêmea aprendizagem, tem entradas e saídas. Poros. Brechas. Reintrâncias. Cavidades. Buracos. Vazios. Eu toda um mapa, de sinais e de acessos. Recebo o mundo por meus poros. Meus buracos mais queridos: os que me mantêm viva.

Respiro e troco com o mundo o ar que me dá vida. Quase nunca eu escolho o que respiro. Aceito os ares e suas fumaças pelas narinas. Escolho, se posso, um cheiro, um sabonete, um perfume. Recuso os cheiros ruins tapando minhas narinas. Meu nariz é meu.

Como: coloco o mundo em pequenos pedaços na boca e mastigo. Bebo, sorvo, engulo: líquidos de água, remédio ou sopa. Nem sempre escolho, mas minha língua antecipa gostos prazerosos e evita o gosto ruim. Respeito dietas, aprendo receitas e como bobagem. A minha boca e sua fome.

Se eu tenho 9 anos, aprendo cheiros e sabores à duras penas. Crescer menina é difícil. Me dizem o que cheirar e o que comer e disciplinam meus poros. Aceito a disciplina porque vem misturada com amor e obrigação. E sangro: tão cedo meu corpo devolve pro mundo minha sangração. Eu nem aprendi a cartografia d'eu menina e já sou mulher.

Se eu tenho 16, queria muito ser dona do meu nariz, minha boca. Ainda não e agora sim me acompanham pelo espelho e eu como e

cheiro o que outras como eu comem e cheiram. Não quero ficar sozinha na frente do mundo. Se eu for amada, amanso meus poros e buracos e avanço sem medo pelo mundo. Mas dói.

Se eu tenho 34 anos, o mundo já começa a escavar em mim seus rigores do tempo. Ainda sou tão jovem. Já sei o que quero na minha boca, no meu nariz. Conheço meus buracos, suas mazelas e prazeres. Nem tudo que eu ponho na boca é saudável: entre a escolha e o hábito, muitas vezes é o mundo que me engole. Ser adulta então é assim!

Mas se eu tenho 9, 16 ou 34 e sou mulher, o mundo me verá as partes mais que todas as outras, as pudendas pudicas partes. O meu nariz... pouco disciplinado será! À minha boca... pouca atenção será dada não adiantando que se saiba que *"não é o que sai... mas o que entra!"*. Mas esta boca debaixo com seu pequenos-grandes lábios será o marco zero de minha existência.

Me ensinarão nomes não usados, ocultarei nomes que aprendi na boca dos moleques e nas portas dos banheiros para dizer do meu vão das pernas, meu sexo, genitália, periquita, xoxota (e até mesmo quando eu tiver 50 e escrever assim serei censurada por mim mesma, por meus esparsos leitores e alguma hierarquia sisuda).

Me ensinaram a sentar de pernas fechadas. Os joelhos interiores. As dobradiças da moral, da vergonha na cara. Sentada: as pernas fechadas. O aprendizado repetido por gerações de mulheres: o vão das pernas evitado. O vão das pernas e sua cartografia. No espaço público, não. Em casa, sim. Na praia, sim. Na festa, não.

¹ Em memória de Marcella-Althaus-Reid: teóloga, amiga e indigente.

No carnaval, sim. No jantar, não. Na escola, não. No passeio, sim. Coloquialidades e formalidades de ter o vão das pernas e ser mulher. O esforço todo colocado nos joelhos com o aprendizado dos sim! e dos não! O joelho como inteligência coletiva depositada na rótula e sua capacidade de flexão. Transitar pelas posições permitidas e pelos vórtices do movimento abusivo acolhendo o que séculos de cultura e biologia desenvolveram para os joelhos femininos: obediência, reclusão, graciosidade.

Me ensinaram a esperar que as promessas dos vídeos e das canções se cumpram e um homem me destranque as pernas. Abridor de latas a começar pelos joelhos. Trava civilizatória. Bambolê imprestável. Dobrada de desejo e confusão, o macho destrava meus joelhos como se abrisse uma porta, uma lata de cerveja, como se meus joelhos não estivessem ali e fossem somente um empecilho a ser vencido.

Meu nariz não é santo, nem minha boca. Buracos ordinários sem teologia e sem rituais. Mas o vão das minhas pernas: valei-me! quantos cuidados e ordenações! interditos e danações! Tão pagãos meus pelos, tão perverso o meu sexo que ao longo dos séculos recebeu dos senhores teólogos tanta atenção. Nunca nas sistemáticas teologias. Minhas faltas anatômicas – eles dizem – me desautorizam à plena participação no sacerdócio. Minhas profundidades e vazios uterinos me prenderão à natureza e à maternidade.

Minhas antepassadas serão culpadas de originais pecados e todas reunidas na ancestralidade de Eva seremos minorizadas e encurraladas entre a virtude e o vício... e a mãe-virgem do Salvador sobrevoará sobre nossas cabeças como modelo irrepetível, elogio da castidade e da funcionalidade maternal.

Sobre nós – de 9, 16 ou 34 anos... e mesmo nos avançados 50 – falarão os padres e pastores, dirão os bispos e arcebispos as entradas e saídas do meu vão das pernas. Tanto sexo, sexo ruim... nenhum sexo: para os senhores teólogos tanto faz! Já sabem no meu lugar e melhor que eu o certo e o errado, o bem e o mal. Imobilizam minha capacidade de conhecer meu corpo e percorrê-lo. Querem impedir que eu mesma analise e interprete as mazelas sociais que subordinam minha femeseza, desconhecem a miséria erótica e efetiva dos meus dias. Não entram na minha casa, não conhecem as vulneráveis e violentas relações familiares com que convivo. Fingem que não sabem que não tenho acesso à saúde reprodutiva ou

ao planejamento familiar consciente e responsável. Ignoram o massacre do amor romântico, do mito da beleza, da febre de consumo e do mito do amor materno que me espreitam no mercado, nas relações pessoais, nas experiências sexuais e afetivas. Não identificam minhas matrizes de classe, gênero e etnia: qualquer mulher é toda mulher. Reduzem a concreticidade plural do feminino na cidadania de segunda classe que mantém os privilégios de patriarcais poderes.

Não sabem meu cheiro quando desejo, não conhecem meus arrepios e nem imaginam o que eu sussurro quando faço sexo e é bom, o que eu xingo quando sou estuprada e o que imploro quando não quero sexo algum. Desfilam suas teologias como exame rápido de farmácia que declara minha gravidez: absoluta! imutável! inquestionável!

Não me deixam em paz. Olham pro mundo e cravam seus argumentos morais no vão das minhas pernas. Fazem *lobby*, obstruem políticas, aterrorizam serviços de saúde e de planejamento familiar. Enfiam suas teologias como membro viril na carne da democracia e estupram processos de discussão, acordos internacionais e projetos comunitários que mulheres de 9, 16, 34 e 50 precisam e exigem como expressão de direitos humanos e dignidade.

Se tenho 9, 16 ou 34 e sou parte da minoria social com privilégios, as excomunhões e os *lobbies* não me alcançam. Protegida pelo dinheiro, tenho acesso a técnicas seguras e higiênicas de interrupção de gravidezes indesejadas. Mas se eu sou da maioria despossuída, as severidades de castas/castos clericais me empurram para clandestinas alternativas que me punem e me fazem mal. Assim... assim os senhores da religião continuam vendendo indulgências que mantêm as desigualdades sociais e a opressão das mulheres. Mas... venha comigo! Este é o meu corpo e eu não estou sozinha! Somos muitas irmanadas na análise de conjuntura do

Minhas
antepassadas
serão culpadas
de originais
pecados e todas
reunidas na
ancestralidade
de Eva seremos
minorizadas e
encurraladas
entre a virtude
e o vício...

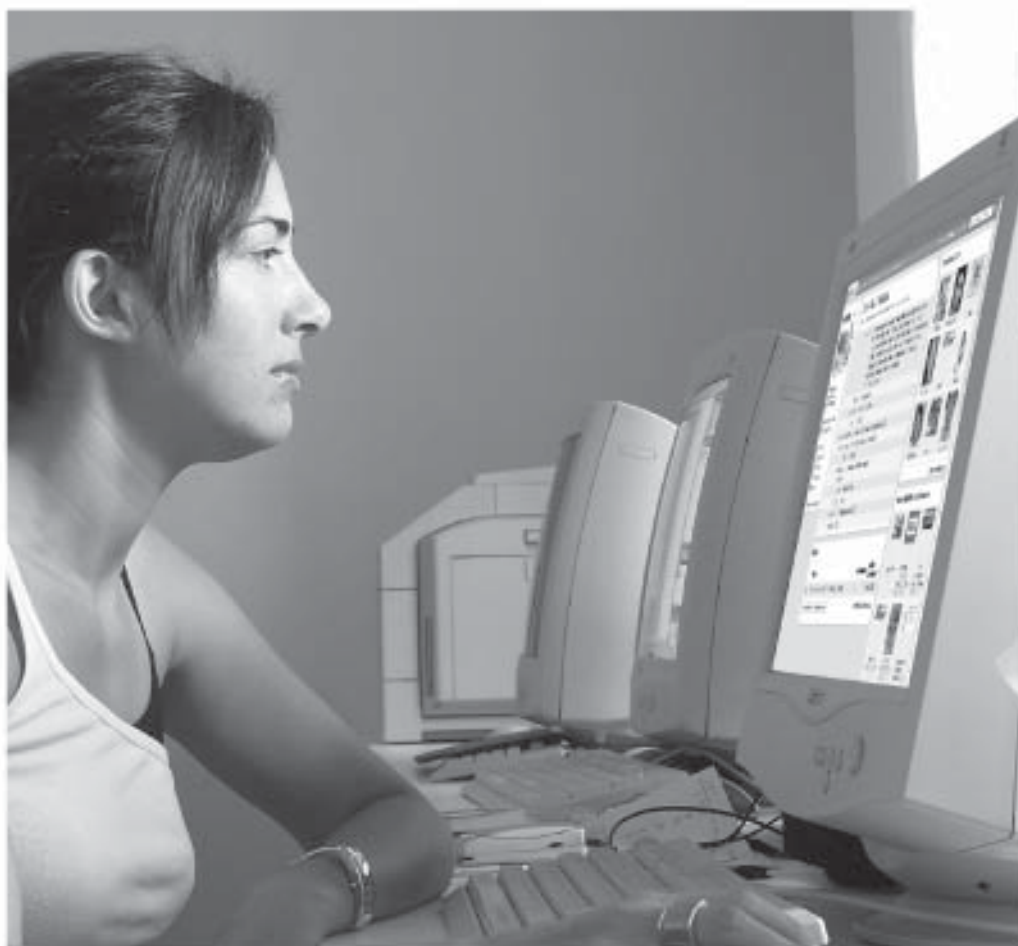
sexismo. Somos tantas tanto e quanto organizadas, corajosas e responsáveis. Movimentos de mulheres, profissionais de saúde, agentes de saúde pública, gestores de políticas de assistência, juristas e até teólogos(os).

Queremos garantir as conquistas já feitas e fazer valer os direitos da menina de 9 anos. Queremos espaços de discussão e de participação política que consolidem novos consensos sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos. Queremos eróticas relações de amor para mulheres de 16, 34 ou 50 anos. "Nossos corpos nos pertencem" – continuaremos a repetir, não como elogio do individualismo, mas como construção coletiva do corpo social baseado em pactos legítimos que garantam os direitos das mulheres em todos os aspectos econômicos, sociais e culturais... religiosos também na expressão da liberdade de religião e Estado Laico.

Orgasmizadas e organizadas, nós já não temos medo da ira e da severidade dos senhores donos da religião. Nas contradições, nas contrações e nas decisões oramos assim:

Salmo da Mulher que Aborta

Deus, tu me sondas e me conheces
mas, vê bem!
sou uma mulher.
Sabes quando desejo
e quando choro?
Sabes quando menstruo
e tenho cólicas?
Penetras de perto minhas carnes?
Sabes quando finjo ou vou gozar?
Examinas minhas tabelas e minhas contas?
Sabes quando engravidado e quero ser mãe?
Sabes quando engravidado e decido abortar?
Deus, não é soberbo o meu coração
nem altivo o meu olhar.
Não ando atrás de grandes coisas,
coisas grandes demais para mim.
Só quero que me conheças,
me penetres sem me esmagar,
me examines sem me espreitar.
Não vou calar meus desejos
nem desistir de afirmar:
colo e repouso encontrar em Ti
como a mulher que aborta
descansa nos braços de uma amiga. ■



ESTAMOS NO ORKUT!



FAÇA PARTE DA COMUNIDADE REVISTA DEMOCRACIA VIVA

Participe também das
comunidades:

- Ibase
- Diálogos Contra o Racismo
- Racismo no Futebol
- Juventudes Sul-Americanas
- Jornal da Cidadania

Aborto

Eva Aparecida Rezende de Moraes

Doutora em Teologia pela PUC-Rio; pós-graduada em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Além Paraíba (MG). Professora: de Matemática na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro; de Ética Cristã na PUC-Rio; de Teologia no Centro Loyola de Fé e Cultura (RJ), no Instituto Diocesano de Teologia de Volta Redonda (RJ) e na Universidade Severino Sombra de Vassouras (RJ).
<rem.eva@gmail.com>

Esse pequeno artigo trata do aborto induzido. Nos posicionamos contrariamente ao aborto; porém, tentamos abordar o assunto de forma a mais ampla possível, embora o espaço seja pouco. É um tema delicado, porque tangencia os limites da existência (nascimento e morte) e deve ser analisado sob diversas óticas. Vamos analisá-las.

Aspecto antropológico-social

No Brasil, o aborto é um problema social, relacionado a diversos fatores conjunturais, como o nível econômico, a escolaridade, o acesso às informações e aos métodos contraceptivos, dentre outros. O que as estatísticas nem sempre revelam é o motivo que, geralmente, leva as mulheres a abortarem. Em alguns casos, o aborto é induzido para salvar a vida da mãe ou em caso de estupro; mas, geralmente, encontramos gravidezes que acontecem por falta de orientação.

São vários os fatores que geram este despreparo; um deles é o próprio sistema econômico-social, que tem se revelado irresponsável na veiculação de produtos mercadológicos por meio de apelos à sexualidade, voltados ao mercado infanto-juvenil. Além disso, a ausência crescente dos pais e das mães na formação dos filhos e das filhas é visível em todos os estratos de nossa sociedade: a realidade econômica tem imposto um ritmo acelerado de trabalho, que dificulta a relação familiar e a formação das crianças e jovens. Muitas de nossas atuais famílias não se encaixam mais no modelo tradicional.¹ As transformações por

que passou nossa sociedade (de agrícola a industrial, de industrial a tecnológica, de tecnológica a virtual) afetaram as famílias e a cultura. Muitos valores se transformaram em contravalores e vice-versa. A mudança social e cultural veio acrescida de uma outra no campo sexual; encontramos, por exemplo, uma precocidade nas relações sexuais de nossos jovens, nem sempre acompanhada de respectivas maturidade e responsabilidade. Além desses fatores, a mídia tem nos informado, frequentemente, inúmeras patologias no âmbito da sexualidade, como abusos sexuais (provocados, inclusive, por pessoas próximas ou familiares da vítima), estupro e pedofilia.

Acresça-se a esses fatos a deficiência em muitos setores da educação formal, que até tem oferecido informação sexual, mas, geralmente, restrita à genitalidade, nem sempre acompanhada de educação para a sexualidade, a maternidade e a paternidade. Falando-se em paternidade, o homem, geralmente, não é envolvido no processo do abortamento: ao valorizar-se a vontade da mulher na decisão sobre o aborto, ignora-se ou remete-se para segundo plano sua vontade² e, desse modo, desvaloriza-se a sua participação no processo procriativo, reforçando uma cultura que penaliza apenas a mulher pelas consequências do ato sexual.

Aspecto legal

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma, em seu artigo terceiro, que "*todo o indivíduo tem direito à vida*". Esse direito

¹ Cf., por exemplo, HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX. São Paulo, 1997.

² Cf. http://www.o-caminho.org/artigos/10racoas_contra.doc

Algumas mulheres, quando se decidem pelo aborto, procuram clínicas clandestinas ou realizam métodos inseguros, causando, em alguns casos, a própria morte

é prioritário, do qual emanam os demais. Na legislação brasileira, encontramos: art. 124: provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem lhe provoque: detenção de um a três anos; art. 125: provocar aborto sem o consentimento da gestante: reclusão de três

a dez anos; art. 126: provocar aborto com o consentimento da gestante: reclusão de um a quatro anos. No art. 127, se a gestante sofre lesão corporal de natureza grave em consequência do aborto, as penas cominadas nos dois artigos anteriores são aumentadas de um terço, e, se lhe sobrevém a morte, as penas são duplicadas. No art. 128, não se pune o médico que pratica o aborto se não há outro meio de salvar a vida da gestante ou se a gravidez resulta de estupro. Portanto, no Brasil, fora esses três casos legalizados, o aborto é visto como ato voluntário de atentado à vida.

Aspecto político da saúde pública

Algumas mulheres, quando se decidem pelo aborto, procuram clínicas clandestinas ou realizam métodos inseguros, causando, em alguns casos, a própria morte. Muitos argumentam que a discussão não é sobre o direito de a gestante abortar, mas sobre o direito de a gestante ter auxílio médico para abortar. O que devemos, porém, indagar é o aspecto político da legalização do aborto no Brasil: o que o Estado ou seus representantes buscam, ao propor a legalização total do aborto? Pode ser para responder a uma situação de saúde pública; mas pode ser, igualmente, uma forma objetiva de se *eliminar* o problema e, não, resolvê-lo; pode, inclusive, ser uma forma sutil de se implantar um controle de natalidade no país.

Conhecemos a realidade caótica da saúde pública no Brasil: casos relativamente

simples como os endêmicos ou preventivos não conseguem sempre ser tratados de forma organizada e com qualidade. Em vários lugares, por exemplo, a mortalidade das gestantes ainda é alta por assistência precária ou incorreta. Os abortos induzidos não são simples e requerem preparo dos agentes de saúde e da própria gestante; além disso, a simples legalização do aborto não elimina as causas que levam a mulher a abortar. É dever do Estado executar políticas eficazes de educação e segurança pública, reprimindo a violência à criança e à mulher; executando políticas sociais que eduquem e informem adolescentes; desenvolvendo uma ampla assistência às gestantes e punindo os infratores. Estas medidas seriam de maior eficiência, pois estariam cuidando do germe do problema.

Aspecto religioso

A maioria das religiões (como a cristã) é contrária ao aborto. O que elas prezam é a vida do feto, argumentando que ela, antes de ser uma escolha da mãe, é um dom de Deus. Assim, enquanto os que defendem a legalização do aborto defendem a vida da mãe, as religiões defendem a vida do feto. A tradição moral judaico-cristã sempre se preocupou com a defesa dos mais fracos e vulneráveis, como as crianças, os órfãos, os idosos e as viúvas.³ Concordamos com vários Documentos Pontifícios da Igreja Católica e com o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (1996), que afirmam que a vida humana possui dignidade essencial e merece respeito, qualquer que seja o seu estágio ou fase. Os cristãos defendem que Deus está envolvido no processo da concepção: *"Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que, por modo assombrosamente maravilhoso, me formaste..."* (Salmo 139,13-16).

É também muito forte a fundamentação emanada do quinto mandamento da Lei de Deus: *"Não matarás"* (Êxodo 20,13). Portanto, a religião cristã considera que a vida humana tem início com a fecundação (o que, aliás, é partilhado com muitas opiniões médicas) e, portanto, abortar, é matar: *"Nas suas*

³ Cf. http://www.o-caminho.org/artigos/10racoas_contra.doc

múltiplas formas e manifestações, a vida é um bem impagável e indisponível; cada ser vivo manifesta, à sua maneira, a sabedoria e a insondável providência de Deus Criador...".⁴

Aspecto biopsicológico

Existem várias formas de aborto induzido, como o *químico*, com a utilização de prostaglandinas⁵, da pílula RU-486⁶ ou de drogas e plantas; ou, ainda, o *cirúrgico*, a partir dos métodos de dilatação ou corte⁷, sucção ou aspiração⁸, dilatação e curetagem⁹, envenenamento por sal¹⁰, sufocamento¹¹ e esquarteramento. O aborto pode causar insuficiência ou incapacidade do colo uterino; danos às trompas; infertilidade; complicações em gravidez posterior; hemorragias; complicações placentárias; maior necessidade de cesariana; síndrome de Asherman¹²; isoimunização em pacientes com Rh negativo; gravidez de alto risco; abortos espontâneos; partos complicados. A interrupção da gravidez é uma agressão para a saúde física, mental e emocional da gestante, pois a mulher interrompe uma gravidez, mas não elimina, de dentro de si, a experiência da maternidade.

Já foram registrados vários sintomas psicológicos em mulheres que abortaram, como atesta, por exemplo, o Colégio da Especialidade de Psiquiatria do Reino Unido (*Royal College of Psychiatrists*)¹³: depressão, sentimento de culpa e de perda, abuso de substâncias tóxicas e, até mesmo, suicídio. Esses sintomas também podem acontecer devido às cobranças para com a mulher que aborta, por parte de familiares, do pai da criança ou das pessoas próximas; ou, ao contrário, devido às pressões externas sobre ela para que aborte. Apesar de, na maioria das vezes, a mulher sofrer as consequências psicológicas, alguns homens já apresentaram depressão pós-aborto, especialmente quando esse foi realizado sem o seu conhecimento e autorização.

Aspecto ético

O campo da ética é aquele dos *valores e comportamentos*, direitos e deveres, como nos sugere a própria etimologia.¹⁴ É comum,

nos discursos pró-aborto, a defesa dos direitos da mulher sobre seu corpo; entretanto, nenhum direito é ilimitado, mas cerceado pela existência do direito de um outro. O direito da mulher de decidir sobre seu corpo é limitado pelo direito do feto à vida. Muitas pessoas que defendem o aborto defendem uma *ética utilitarista*: seu ponto de partida é o *princípio da utilidade*, segundo o qual uma ação é útil e, portanto, ética quando traz mais felicidade do que sofrimento aos atingidos; deste modo, o prejuízo de alguns poderia ser justificado pelo benefício de outros, desde que estes estivessem em maior número (cálculo de maximização do bem) e, como o feto não é considerado, não possui nenhum interesse envolvido. Evidentemente, não concordamos com esse argumento: eticamente falando, todos sabemos que, a um direito, corresponde um dever.

Conclusões

A primeira é religiosa: o feto é uma vida e a vida é dom de Deus; se nos arrogamos o direito de decidir sobre a vida de um feto ou embrião, abrimos precedentes para decidir, também, sobre a vida de qualquer outro ser humano. A segunda é legal: o aborto provocado acarreta a destruição de uma vida humana e qualquer referendo ou decreto-lei que legitime a morte de um ser humano indefeso é um atentado contra a vida e viola os direitos fundamentais do ser humano:¹⁵ o primeiro direito humano é o direito à vida e, se esse direito é burlado, abrimos precedentes para que outros direitos também o sejam. A terceira é política. Independentemente da legalização ou não do aborto, uma tarefa é indiscutível: a necessidade de informação e formação da população sobre as consequências do aborto, um trabalho desde o âmbito da educação formal até à informal. E, finalmente, a questão ética. Muitas meninas e mulheres optam pelo aborto sem nenhuma consciência de seu ato; entretanto, um erro não pode justificar o outro: se muitas dessas mulheres são vítimas, a maior vítima é o feto que, inclusive, não pode se defender. ■

4 D. Odilo Scherer, Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil por época da apresentação do tema da Campanha da Fraternidade de 2008: "Escolhe, pois, a vida".

5 Droga que provoca parto prematuro.

6 Pílula abortiva, conhecida como a "pílula do dia seguinte". Age matando de fome o bebê, privando-o do hormônio progesterona.

7 Esquartera-se o feto dentro do ventre da mãe.

8 Insere-se no útero um tubo oco que tem uma forte sucção.

9 Dilatação do colo do útero e raspagem do revestimento uterino do embrião, da placenta e das membranas que envolvem o embrião.

10 Com uma seringa, aspira-se o líquido amniótico e aplica-se uma solução salina, que causará a morte do bebê em 12 horas, por envenenamento, desidratação e hemorragia do cérebro e outros órgãos.

11 Puxa-se o bebê para fora, deixando a cabeça dentro; introduz-se um tubo em sua nuca, que sugará a sua massa cerebral; só então o bebê consegue ser totalmente retirado.

12 Amenorréia traumática: destruição do endométrio, seguida do acolamento com formação de aderências fibrosas nas paredes da cavidade uterina. Cf. http://www.medcenter.com/Medscape/content.aspx?LangType=1046&menu_id=49&id=529.

13 Cf. http://www.ocaminho.org/artigos/10racoes_contra.doc

14 "Ética é uma palavra de origem grega, com duas origens possíveis: a primeira, é a palavra grega *éthos*, com e curto, que pode ser traduzida por costume; a segunda, também se escreve *éthos*, porém com e longo, que significa propriedade do caráter...". MOORE, G. E. *Princípios Éticos*. São Paulo. Abril Cultural. 1975. P. 4.

15 Cf. http://www.ocaminho.org/artigos/10racoes_contra.doc